



Primeiras notas sobre o 1o Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI¹

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^{o2}

13 de dezembro de 2014. Amaral Gurgel, centro de São Paulo, em frente a uma sex shop. Uma moça de cabelos ondulados castanhos, olhos pintados de azul e vestida de Mamãe Noel recebia quem chegava com um abraço de feliz natal e convidava a entrar. Ao invés de conduzir as pessoas para a loja de produtos eróticos, indicava a escada ao lado, cuja entrada estava circundada por balões coloridos e guiava ao saguão superior, localizado acima da sex shop. Acompanhei por alguns instantes o movimento das pessoas que subiam. Uma senhora disse, em alto e bom tom, para outra moça que reforçava as boas-vindas: “essa é a nossa travesti gospel, tá querida”. A Mamãe Noel era Ashylla Zayêtt, hostess do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI, ou Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional, e a moça referida como travesti gospel era Jacque Channel, co-fundadora e líder do ministério.

Acompanhei o fluxo e subi os degraus em direção ao evento que ocorria. Cerca de quinze mulheres transexuais e travestis encontravam-se em um pequeno salão com enfeites de natal dispostos sobre uma mesa com refrigerantes, chás e panetones, que depois recebeu a companhia do bolo de aniversariante do mês (no caso, a

¹ Publicado anteriormente no livro *Panorama homoafetivo – Perspectivas cristãs de inclusão LGBT*, de Átila Augusto dos Santos (Rio de Janeiro, Metanóia, 2015).

² Presidente da ABHR – Associação Brasileira de História das Religiões. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo com a tese *(Re)des)conectando gênero e religião. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook*. Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialista em Marketing e Comunicação Social pela Fundação Cásper Líbero. Autor de *A grande onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church* (2013), *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço* (org, 2013), *(Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas sobre os estudos de religiões* (org, 2013), *Religiões em (con)textos (Vol. 1 e 2)* (org, 2013/2014), dentre outras publicações.



própria Jacque). Ao fundo, som de música eletrônica e uma grande bandeira com as cores do arco-íris estendida em uma das paredes. Tratava-se do 1o Natal de Travestis e Transexuais do Ministério Séfora's da CCNEI.

Já conhecia o ministério: havia acompanhado suas primeiras reuniões no segundo semestre de 2014, e visitava a igreja desde 2010, por conta do trabalho de campo do meu doutorado. Na ocasião, estive neste mesmo saguão, que na época funcionava como escritório administrativo e atualmente, divide espaço com o Ministério Séfora's – mas foi neste local que a igreja foi fundada, em 2004, pelo pastor Justino Luiz, e que teve seus primeiros cultos (há alguns anos, a igreja tem suas reuniões principais em um saguão maior na mesma avenida).

O saguão estava organizado assim: em uma das laterais, a mesa mencionada, e nas demais, diversas cadeiras e sofás, quase todos já ocupados quando cheguei. O centro estava vazio, pois aguardava as atrações do fim de tarde (o evento começou por volta das cinco), que eram as performances de algumas das moças que chegavam, conhecidas no ambiente TLGB paulistano, como Kimberly Luciana, Bianca Mahafe (que também se trajou de Mamãe Noel), e Athena Joy, além das drag queens Victória Principal e Sissi Girl. Através de playbacks, teve quem dublou cantoras seculares como Xuxa e quem dublou cantoras pentecostais como Cassiane. Ashylla capitaneou ainda uma gincana para o recebimento de brindes oferecidos pela organização da Parada LGBT.

No ar, confraternização e devoção. E nem todo mundo era cristão ou trans. Como Jacque anunciou, “o Ministério Séfora's tem essa direção, para travestis, mulheres transexuais e homens trans, mas estamos abertos a toda a diversidade, até para quem não é evangélico. Todo mundo é bem-vindo, por isso somos um ministério inclusivo, não é amadas?” E todas aplaudiram. Ao final da reunião, uma delas comentou: “Porque Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem”.



Participar dessa reunião me fez recordar 2010, quando entrevistei pastor Justino, fundador da CCNEI. Uma das perguntas que fiz ao mesmo foi “há evangelismos direcionados ao público trans?” A resposta foi: “Olha meu irmão, a gente até gostaria de ter um trabalho específico com pessoal trans mas não tenho ninguém que tome essa iniciativa, que vá atrás deles”³.

Em 2011, escrevi um artigo, posteriormente publicado em 2012 pela revista Horizonte, da PUC de Minas, em que comentava:

como avisa o paradigma de mercado, algumas igrejas surgem ao atentar para determinados nichos. É possível pensar no surgimento futuro de uma igreja ou reunião evangélica que tenha como alvo um segmento do público LGBT, como bissexuais, ou travestis e transexuais, atendendo a demanda mais específica.⁴

Foi no segundo semestre de 2014 que confirmei essa hipótese, a partir de alguns ministérios que surgiram. Um deles foi o Ministério Séfora’s de Travestis e Transexuais da CCNEI, gerido por Jacque, que se assume concomitantemente mulher transexual e travesti (e obviamente não há nenhum problema nisso), e que lidera um ministério específico a travestis, mulheres transexuais e homens trans – ainda que, como ela costuma reforçar, trata-se de um ministério que acolhe toda a diversidade de pessoas.⁵

À resposta que o pastor Justino Luis havia me dado em 2010 (“olha meu irmão, a gente até gostaria de ter um trabalho específico com pessoal trans mas não tenho ninguém que tome essa iniciativa, que vá atrás deles”), ao que tudo indica, Jacque Channel, que ingressou na CCNEI em 2013, foi suprimindo essa lacuna. Com sua inserção e algumas iniciativas,⁶ foi inaugurado, em fins de outubro de 2014, o Ministério Séfora’s de Travestis e Transexuais da CCNEI, o que

³ Entrevista a LUIS, Maranhão F^o, 2010.

⁴ MARANHÃO F^o, 2012, p. 219. Não se trata de um artigo específico sobre igrejas inclusivas, mas acerca de concorrência e marketing religioso. Acerca de igrejas inclusivas, transgeneridades e identidades travestis e transexuais, fiz alguns esboços de escrita em outras ocasiões, assim como a tese, que considero mais como uma espécie de *ensaio* (ver referências ao final).

⁵ Traço um breve histórico sobre o ministério na tese, assim como pretendo fazer em artigo posterior.

⁶ Dentre estas, a *1ª Conferência Trans e Religião da CCNEI* e reuniões mensais (Chás Sociais para Trans e Travestis).



foi noticiado por Jacque através da criação do grupo homônimo no Facebook e da inclusão de algumas pessoas que eram suas amigas de Face. Como lemos na descrição do grupo (figura abaixo), feita pela própria Jacque, “este ministério é para inclusão religiosa e social de travestis e transexuais, colaborando, para uma sociedade mais justa e igualitária, para a glória do nome de Nosso Senhor Jesus Cristo”, o que demonstra a intersecção entre objetivos religiosos e sociais do ministério e de sua líder.



Figura: Ministério Séfora' de TTs⁷

Até o fim de 2014, as atividades do Ministério Séfora's eram mensais.⁸ O evento mensal de dezembro, realizado em 13 de dezembro, foi o 1o Natal de Trans e Travestis do ministério, também chamado de 1o Chá de Natal de TT's. Sobre a relevância do evento, uma das mulheres transexuais presentes no evento, comentou:

a importância desse ministério e dessa igreja, é que as trans podem ter seu natal, né? Fora daqui a gente é discriminada e não pode participar da igreja, e isso faz muita falta pra gente. Porque Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem. A gente também tem direito de comemorar o Natal, e a gente ama a deus como Ele ama a gente. Ele não faz acepção de pessoa, não. Isso é coisa que pastores desinformados como Silas Malafaia e

⁷ O grupo do Facebook foi criado em 28 de outubro de 2014 por Jacque Channel. Fonte da figura: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

⁸ Com a criação do Ministério Séfora's, as atividades que eram a princípio mensais, foram se tornando em 2015 semanais, com reuniões todas as quartas-feiras no período noturno. Os eventos mensais, aos sábados, são batizados de Chás Beneficentes de Arte & Cultura Trans, e em julho de 2015 Jacque inaugurou o ministério *Séfora's Teens*, direcionado a pessoas trans e travestis adolescentes.



Marco Feliciano, Valdemiro falam, que Deus não ama a gente, mas não é assim. Ele ama sim. E aceita a gente como é, travesti, trans, ou do gênero que for.⁹

A narrativa dessa participante pode nos levar a questionamentos: quais os (d)efeitos de se tomar a Bíblia ao pé da letra, descontextualizada sócio-historicamente, a partir de versos como Deuteronômio 22:5, que rege que “a mulher não deverá usar um artigo masculino, e nem o homem se vestirá com roupas de mulher, pois quem age assim é abominável a lahweh teu Deus”, o que lido sem levar em conta a realidade histórico-cultural da época em que o verso foi escrito, “condenaria” os trânsitos de gênero?

Pelo que escutei em dezenas de narrativas, o uso de versos como este por líderes religiosos mais fundamentalistas trazia, dentre outros impactos diretamente relacionados às múltiplas formas de intolerância a pessoas transgêneras, travestis e transexuais, a internalização da transfobia, quando a pessoa rejeita em si mesma sua condição transgênera ou de transgressão de gênero.¹⁰

Afinal, como reforçam as pessoas transexuais, travestis e trans não-binárias¹¹ com quem conversei em campo, se é para levar a Bíblia ao pé da letra, ela mesma não é clara de que “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34), ou de que “não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos são um em Cristo” (Gálatas 3:28)? Ou ainda, tomando determinadas traduções da Bíblia, “não é óbvio que a Igreja de Cristo é um corpo completo, marcado pela diversidade?” (1ª Coríntios 12:27)¹²? Neste sentido, Deus entenderia pessoas

⁹ PARTICIPANTE do 1º Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais, entrevista a Maranhão F^o, 2014.

¹⁰ O termo *condição transgênera* não deve ser entendido como sinônimo de identidade transgênera. Leticia Lanz explica sobre as transgeneridades: “a não conformidade com a norma de gênero está na raiz do fenômeno transgênero, sendo ela – e nenhuma outra coisa – que determina a existência do fenômeno transgênero. A primeira coisa a se dizer sobre o termo ‘transgênero’ é que não se trata de ‘mais uma’ identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação e/ou discordância e/ou desvio e/ou não-conformidade com o dispositivo binário de gênero, presente em todas as identidades gênero-divergentes” (LANZ, 2014, p. 70).

¹¹ Importa realçar que x próprix autorx desse texto se identifica como *pessoa trans não-binária* há alguns anos.

¹² Versão da *Bíblia A Mensagem*.



transgêneras,¹³ transexuais e travestis como menos merecedoras de acolhimento que pessoas cisgêneras?¹⁴

Essas perguntas possivelmente apresentam o mote das preocupações das igrejas inclusivas – ou ao menos de parte delas¹⁵ – em relação a tais pessoas: inseri-las, com quaisquer que sejam suas identidades e corpos, no corpo de Cristo. Ministérios como o Séfora's podem servir para acolher pessoas em uma comunidade de fé e empoderá-las a serem quem são em suas identidades e expressões, promovendo-as como pessoas. Nesse caminho, pode ser entendido o verso que diz: “se alguém está ligado a Cristo, transforma-se em nova pessoa; as coisas antigas passam, tudo se faz novo” (2ª Coríntios 5: 17), ou ainda “transformem-se pela renovação de sua mente, para que prove o quanto é boa, agradável e perfeita a vontade de Deus” (Romanos 12: 2).

Considerações inconclusivas

Parafraseando uma célebre frase de Valdemiro Santiago, referido em uma das falas acima, vale aplaudir de pé toda iniciativa em âmbito religioso que respeite integralmente a vontade da pessoa trans*; se esforce no exercício da despatologização, desdemonização

¹³ Relembrando, o termo *transgênero* não deve ser entendido aqui como uma identidade específica, mas sim, como uma condição sócio-política de *transgressão* de expectativas sociais fundamentadas (e fundamentalistas) sobre o dispositivo binário de gênero e o sistema sexo-gênero de outorga no nascimento ou gestação. Nesse sentido, transgênera é qualquer pessoa inconforme com as normas e convenções sociais (ou dispositivos de conduta) esperadas binariamente de acordo com o sistema sexo-gênero que lhe foi atribuído ao nascer ou através de tecnologias que “detectam” sexo-gênero na gestação. É válido destacar que parte do ativismo LGBT e do ativismo trans refutam firmemente o uso do termo transgênero, entendendo que o mesmo invalidaria identidades específicas – mas o uso do vocábulo transgênero, aqui, não tem como objetivo deslegitimar nenhuma identidade de gênero em particular. Reforço que o termo refere-se à uma conduta transgressora do sistema sexo-gênero e não a uma identidade.

¹⁴ Por *cisgênera* entende-se aquela pessoa que foi designada de um determinado sistema sexo-gênero ao nascer ou na gestação e sente-se em conformidade em relação às expectativas sociais esperadas a tal sexo-gênero.

¹⁵ É importante realçar que nem toda comunidade ou pessoa evangélica que se autodenomina *inclusiva* demonstre real acolhimento a pessoas transgêneras (termo aqui entendido como condição sócio-política) ou com identidades travestis, transexuais ou em outras *desconformidades* em relação ao que é esperado de pessoas outorgadas com determinado sistema sexo-gênero.



e despatologização;¹⁶ e ofereça espaço acolhedor para o diálogo. Neste sentido, são promissoras as recentes notícias de coletivos que visam incluir pessoas transgêneras, transexuais e travestis, como o Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais na CCNEI, gerido por Jacque Chanel.

Como minha última incursão de campo da tese foi a visita ao 1º Chá de Natal Trans e Travestis, organizado por Jacque e realizado em 13 de dezembro, “fecho” este artigo com algumas imagens, retiradas do blog T-Girl, do 1º Natal do Séfora's, notando que para muitas travestis, mulheres transexuais, homens trans e transgêner@s um evento como este – legitimador da identidade trans* e da identidade cristã, pode representar um novo nascimento, um novo natal – generificado e religioso.



1º Chá de Natal Trans e Travestis - Entre as atividades, aconteceu o 1º Chá de Natal Trans e Travestis Ministério Séfora's de TT's, na CCNEI

- Ministério Cristã Nova Esperança, região central de São Paulo, sobre a idealização de Jacque Chanel, contou com presença de ativistas, religiosos, artistas com atividades educativas, levando a evangelização e compreensão para o verdadeiro sentido do Natal com entregas de presentes a todas(os) Travestis e Transexuais presentes.



Sissi Girl, Athena Joy, Eder, Bianca Mahafe, Kimberly e Victória Principal em shows e música gospel



Ashylla Zayêtt, Jacque Chanel e Sissi Girl na chegada do 1º Chá de Natal Trans e Travestis na CCNEI - Ministério Cristã Nova Esperança



Daisy Almeida, Jacque Chanel, Adriana da Silva, Juliana Óliver, Bianca Mahafe, Melissa Monteiro, Du Meinberg Maranhão entre convidados presente ao 1º Chá de Natal Trans e Travestis

Figuras: 1º Chá de Natal Trans e Travestis do Ministério Séfora's da CCNEI¹⁷

¹⁶ Utilizo há alguns anos as expressões *despatologização* e *desdemonização* remetendo à despatologização, o esforço (necessário) de retirar o estigma de doença da identidade de outrem.

¹⁷ Fonte: Blog Mundo T-Girl, criado e administrado por Kimberly Luciana, frequentadora do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.



Referências

1o Chá de Natal Trans e Travestis. Disponível em: <<http://mundot-girl.blogspot.com.br/2014/12/travestis-e-transexuais-fazem.html>> Acesso em: 21 dez. 2014.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A aniquilação de uma mulher transsexual no candomblé através do Facebook. In: SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naira Pinheiro dos (Orgs.). Estudos Feministas e Religião: tendências e debates. Curitiba: Prismas, 2014a.

_____. Anotações sobre a “inclusão” de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Dossiê (In) Visibilidade Trans 1. História Agora, São Paulo, v.1, n. 15, p. 29-59, 2013c.

_____. “Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Dossiê Gênero em Movimento. História Agora, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011b.

_____. “Inclusão” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. Oralidades – Revista de História Oral da USP, dossiê Diversidades e Direitos, p. 89-116, 2012g.

_____. (Org.). (In) Visibilidade Trans 1. História Agora, São Paulo, v. 1, n. 15, 2013f.

_____. (Org.). (In) Visibilidade Trans 2. História Agora, São Paulo, v. 2, n. 16, 2013g.



_____. “Marketing de Guerra Santa”: da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 201-232, 2012h.

_____. “Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso”. Entrevista sobre gênero e sexualidade com Cristiano Valério, reverendo da ICM. *História Agora*, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 316-329, 2012l.

_____. (Re/des)conectando gênero e religião. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

_____. NERY, João. Transhomens: a distopia nos tecnohomens. In: SOUTO, Katia (org.). *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*, 2014 (no prelo).

_____; _____. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *(In)Visibilidade Trans 2*. *História Agora*, v. 16, nº 2, p. 139-165, 2013m.

_____; _____. Transhomens no ciberespaço 2: biopolíticas nos tecnohomens. In: BENTO, Berenice (Org.). *Des-fazendo Gênero*, 2014 (no prelo).

_____. Travestis em trânsito identitário: propondo um diálogo com Luiz Alberto Ribeiro. In: ROSADO, Maria José Fontellas (Org.). *Gênero, Feminismo e Religião. Da constituição de um campo*. São Paulo: Garamond, 2014d (no prelo).

_____. Trânsitos identitários religiosos de trans*. *Anais do IV Encontro do GT Nacional História das Religiões e das Religiosidades - Memória e Narrativas*. UNISINOS. São Leopoldo, 2012n (no prelo).

Entrevistas

LUIS, Justino. Entrevista. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.



PARTICIPANTE DO 10 NATAL do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais, entrevista a Maranhão FO, 2014.